

COMO OS HISTORIADORES REALIZAM SUAS PESQUISAS

UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA

HISTORIANS AND THE ARCHIVES

A CONTEMPORARY PERSPECTIVE

LÚCIA MARIA VELLOSO DE OLIVEIRA | Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Chefe do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa.

RENATA REGINA GOUVÊA BARBATHO | Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Com o objetivo de traçar o perfil e entender as formas de busca dos historiadores em arquivos, foi realizada uma pesquisa, a partir da análise de formulários *on-line*, com usuários dos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa (2013-2014). Concluiu-se que, com a Internet, novas demandas e expectativas emergiram, criando novos desafios para os arquivistas.

Palavras-chave: arquivos; usuários de arquivos; acesso aos arquivos; historiador.

ABSTRACT

In order to profile and understand how historians develop their archival research, based on the analysis from on-line forms, a survey was conducted with users of the historical collections of Fundação Casa de Rui Barbosa (2013-2014). We concluded that with the Internet, new demands and expectations have emerged, creating new challenges for archivists.

Keywords: archives; archival users; access to archives; historians.

RESUMEN

Con el objetivo de perfilar y comprender la búsqueda de formas de historiadores en los archivos, se realizó una encuesta a partir de los formularios en línea de análisis, con los usuarios de los archivos de la Fundación Casa de Rui Barbosa (2013-2014). Se concluyó que, con la Internet, han surgido nuevas demandas y expectativas, creando nuevos retos para los archiveros.

Palabras clave: archivos; usuarios de archivos; el acceso a los archivos; historiador.

INTRODUÇÃO

A Fundação Casa de Rui Barbosa é um órgão do Ministério da Cultura, sediada na cidade do Rio de Janeiro, e tem como missão o desenvolvimento da cultura, da pesquisa e do ensino, além da divulgação e o culto da vida e obra de Rui Barbosa. A instituição tem sua origem a partir do acervo de seu patrono que, ao longo da vida, acumulou rica documentação em função de sua atuação política e de seu apreço aos livros e aos documentos.

Rui Barbosa (1849-1923) era baiano, da cidade de Salvador. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito em São Paulo, onde passou a ter contato com futuras personalidades políticas que posteriormente compartilharam os mesmos ideais abolicionistas e/ou republicanos, como Afonso Pena, Rodrigues Alves e Joaquim Nabuco. O arquivo de Rui Barbosa é constituído por cerca de 60 mil documentos textuais, 2.400 imagens, e 53 documentos cartográficos, retratando, de 1849 a 1923, a vida de uma das principais figuras públicas da história do Brasil.

Rui Barbosa faz parte da memória do povo brasileiro e a sociedade reconhece sua importância. Sua expressividade se plasma no número de crianças batizadas com o seu nome, e na quantidade de grêmios, associações literárias, escolas, praças, ruas e avenidas que também o homenageiam. Rui ocupou um lugar de destaque no cenário nacional e internacional, denunciando maus feitos e defendendo grandes causas na imprensa e na tribuna parlamentar, nos tribunais e nas missões diplomáticas. Os seus ideais são ainda hoje atuais, como a igualdade entre as nações, a preservação dos direitos civis e o fim da pobreza, entre outros. Rui Barbosa lutou contra os regimes de forças ditatoriais, os estados de sítio, as oligarquias vitalícias na política, as intervenções e a suspensão das garantias constitucionais.

Em seus documentos arquivísticos, encontramos o registro minucioso de sua vida pública e de sua atuação política.

Sua atuação na sociedade fica visível se analisarmos a correspondência que trocou com cerca de 1.560 missivistas. É possível perceber que sempre esteve envolvido em questões cruciais no país, como a formação do Estado republicano e o fim da escravidão.

Entre seus missivistas, podemos mencionar Afonso Pena, Joaquim Nabuco, barão do Rio Branco, Epitácio Pessoa e Floriano Peixoto. Entretanto, existem cartas de cidadãos comuns, que buscavam em Rui um porta-voz para anunciar as injustiças e solicitar ajuda, e que também demonstravam a grande admiração que tinham por um dos mentores da República, o que comprova a popularidade desse homem público por meio de manifestações de apoio e apreço.

Como a maioria dos homens públicos e cultos da época, Rui Barbosa escrevia para a imprensa. Ao longo de sua vida, publicou inúmeros artigos e editoriais. Foi redator chefe dos periódicos: *A Reforma*, do Rio de Janeiro, em 1876 e 1878; *Diário da Bahia*, em 1872; *O País*, em 1884; *Diário de Notícias*, em 1889; *Jornal do Brasil*, em 1893; e *A Imprensa*, em 1898, sendo os quatro últimos todos do Rio de Janeiro.

Como diplomata, destacou-se na II Conferência da Paz em Haia, em que a defesa de suas ideias e da igualdade entre as nações rendeu-lhe notoriedade no exterior, e grande admiração do povo no Brasil, além do apelido de Águia de Haia.

Paralelamente à sua atuação política, Rui Barbosa também chamava atenção por seu amor aos livros e pelo desejo de guardar suas memórias pessoais e de sua vida política.

Em 1923, aos 73 anos, após “53 anos de luta cívica e de homem público como advogado, político, jurista, parlamentar, jornalista [e] diplomata” (Mello; Mendonça, 1997, p. 17), Rui Barbosa faleceu, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, deixando um legado intelectual significativo para a história do país. Acumulou ao longo da vida documentos referentes a toda sua trajetória enquanto homem público, transformando seu acervo numa preciosa fonte de informação.

O seu arquivo tem caráter interdisciplinar e desperta o interesse de diversas áreas, como a história, o direito, a filologia, ciências políticas, a educação, entre outros. O patrimônio de cunho particular deixado logo foi reconhecido por seu caráter público, o que levou o governo brasileiro, em 1924, a comprar a casa onde residiu na cidade do Rio de Janeiro, com os móveis e o acervo documental. Desde então, houve uma mobilização para a organização do acervo e para seu uso enquanto fonte de pesquisa. Em 1928, foi criado o Museu-Biblioteca Casa de Rui Barbosa e, finalmente, em 1966, seguindo a modernização do Estado brasileiro, a instituição foi transformada em Fundação, o que significou “maior disponibilidade financeira”, inclusive com a projeção de instalações mais adequadas ao acervo, com a “construção do prédio anexo, hoje Espaço Américo Jacobina Lacombe [...] inaugurado em 1978” (Mello; Mendonça, 1997, p. 34). A relevância do arquivo de Rui Barbosa para história do Brasil foi consagrada com a nomeação conferida em 2011, pela Unesco, de Memória do Mundo – Brasil.

Desde sua inauguração, a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) vem adquirindo acervos de outros políticos brasileiros, de forma a contribuir para a preservação de documentos privados importantes para a história do país. A instituição tem principal interesse por acervos de políticos contemporâneos de Rui Barbosa, de forma que possa reunir arquivos de diversos políticos que atuaram no final do Império e início da República, período de substanciais modificações na sociedade e no Estado, na vida econômica e nas relações internacionais. O arquivo de Rui Barbosa deu origem ao Arquivo Histórico, que, posteriormente, passou a ser identificado como Serviço de Arquivo Histórico e Institucional, unidade responsável pela custódia, preservação e acesso ao arquivo de Rui Barbosa e de outros arquivos de relevância para esse período histórico – como os arquivos de João Pandiá Calógeras, Eduardo Prado e Ubaldino do Amaral – e pela gestão de documentos da instituição. Ao longo do texto, essa unidade organizacional será identificada como Arquivo.

Desde a constituição do Arquivo, o principal usuário desses acervos de políticos tem sido o historiador. Até o início do século XXI, a principal forma do historiador interagir com os arquivistas e ter acesso aos documentos de seu interesse foi por meio da pesquisa presencial. No final do século XX, a Fundação Casa de Rui Barbosa passou a disponibilizar uma página institucional na internet e, nos anos seguintes, começou um processo de difusão de seus acervos ou de seus instrumentos de pesquisa nesse ambiente digital, alterando gradativamente as formas de pesquisa e de relacionamento com os seus usuários.

Essa ampliação na forma de dar acesso aos acervos por meio da tecnologia de informação, associada a uma mudança mais global nas formas de relações e de mediações por in-

termédio da tecnologia, provocou efetivamente alterações nas abordagens aos acervos, nas rotinas de pesquisa, nas formas de busca e no comportamento do usuário. O novo quadro impele o arquivista a rever minimamente seus procedimentos, a metodologia para análise e difusão de documentos, a sua forma de relacionamento com o usuário e o planejamento para a área. Segundo Oliveira, as mudanças são incentivadas pelo aumento da demanda provocada pela tecnologia e pela necessidade de aplicação de novas técnicas, por parte dos arquivistas, e mais:

[...] uma vez ampliada a demanda, será preciso não só uma capacidade instalada em termos tecnológicos e operacionais [...] para fazer frente às exigências do acesso no mundo contemporâneo, mas também um investimento na área de pessoal. No entanto, o arquivista não pode se eximir de toda essa articulação, deverá ele também assumir o seu papel de protagonista dentro do movimento de empoderamento dos arquivos (Oliveira, 2013, p. 331-332).

Neste trabalho, vamos apresentar os resultados de um segmento da pesquisa que é desenvolvida, de estudo do uso dos acervos e de seus usuários – sob a perspectiva do principal usuário dos arquivos na instituição: o historiador. Apresentaremos também a metodologia utilizada e as conclusões finais da pesquisa realizada em 2014 e 2015.

A PESQUISA DO USUÁRIO

Em 2006, o Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação foi o campo empírico de pesquisa em que se estudou os usos e usuários dos arquivos, considerando os usuários internos e externos à instituição. O desenvolvimento da pesquisa esteve vinculado ao projeto de mestrado defendido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,¹ em que era “[...] o objetivo principal analisar os usos da informação arquivística e seus usuários como agentes do processo informacional, a partir da inserção em um contexto organizacional de novas possibilidades de comunicação e acesso ao público” (Oliveira, 2006, p. 12).

O recorte metodológico da pesquisa focou os usuários internos da instituição – os funcionários que utilizam os documentos para o processo decisório e para o desenvolvimento de suas atividades – e os usuários externos, aqueles que fazem uso dos documentos para outras atividades, como: pesquisa acadêmica, produção de filmes, novelas, peças teatrais, ilustração de algum material impresso, e outros. Na pesquisa de mestrado, foram considerados todos os usuários que consultaram documentos do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional no período de 1997 a 2004.

1 Trabalho de pesquisa de mestrado de Lucia Maria Velloso de Oliveira no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio Ibict/UFF.

No grupo dos usuários, foi possível identificar o produtor cultural como categoria com protagonismo similar ao historiador, que até então era considerado o principal usuário externo do Arquivo. Essa pesquisa foi realizada em um contexto híbrido, de convívio entre a inserção de primeiros registros sobre o acervo arquivístico em bases de dados disponíveis *on-line* e os instrumentos de pesquisa em formas e formatos tradicionais. Nesse momento, a consulta presencial era a forma mais relevante de mediação entre o arquivista e o usuário.

No biênio 2010-2011, foi realizada nova pesquisa pela mesma pesquisadora, e com o foco no comportamento do usuário frente à pesquisa *on-line*. A mudança do foco se deve às recorrentes questões envolvendo a área da arquivologia em relação à disponibilização de cópias digitais de documentos, estruturação de bases de dados para pesquisa *on-line* e o desenvolvimento de metodologia em torno da descrição arquivística que abarcasse as novas demandas dos usuários e a fundamentação da área.

Nessa pesquisa, somente foram computados os usuários externos, considerando que o estudo se tratava de análise de mecanismos de difusão do acervo e de interação com a sociedade. Tal qual na pesquisa de mestrado realizada anteriormente, foi utilizado como instrumento de coleta de dados um formulário que seria preenchido pelo usuário presencialmente ou remotamente, e enviado por mensagem eletrônica. Dentre os dados levantados, os historiadores mantiveram-se como principais usuários, superando com boa margem o produtor cultural.

Mantendo a regularidade da pesquisa em 2014, uma nova investigação foi feita contemplando os pesquisadores do período de 2012 a 2014. A equipe foi ampliada com o ingresso de uma doutoranda. O formulário adotado na pesquisa anterior sofreu poucas alterações, mantendo-se o seu *core*. No entanto, a forma de abordagem foi alterada. Se nas pesquisas anteriores o levantamento foi presencial ou por *e-mail*, nessa última foi utilizado um formulário *on-line*.



Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Foram enviados 361 convites para participação na pesquisa e utilizada a ferramenta de formulários do Google para a estruturação das perguntas, considerando-se que não oferecia custo, o que permitiu a produção dos relatórios quantitativos necessários para a análise das questões levantadas.

O formulário, tal qual adotado na pesquisa do biênio 2010-2011, dividiu-se em três áreas: a primeira traçou o perfil do usuário; a segunda explorou as formas e as necessidades de busca do usuário; e a terceira ficou em aberto, para que o participante da pesquisa expressasse suas opiniões livremente. Para a análise qualitativa da pesquisa, os conteúdos das respostas dos usuários foram considerados individualmente.

O USUÁRIO HISTORIADOR

Na atual pesquisa, mais uma vez os historiadores mantiveram-se como um dos principais usuários dos arquivos da FCRB, compondo 30% do total (32 historiadores) num universo de 106 usuários que responderam ao formulário. Também foram identificados advogados, arquivistas, editores, literatos, jornalistas e produtores culturais.



Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Os dados revelaram que 94% dos historiadores desenvolvem suas pesquisas para fins acadêmicos, o que é corroborado quando observada a titulação, pois 59% possuem título de mestre e 19% possuem título acadêmico máximo de doutor. Os cursos de mestrado e doutorado em história, por sua essência, exigem do pesquisador que sejam desenvolvidas dissertações e teses em caráter inédito. Para tal, a ferramenta metodológica historiográfica utilizada é a análise de fontes primárias, justificando assim a presença dos pós-graduandos *stricto sensu* nos arquivos. Para este grupo, a fonte primária, que pode ser também um documento de arquivo, representa o elo mais “concreto” entre o passado e o presente numa área de atuação tão abstrata.

Tabela 1: Grau acadêmico mais alto (completo)	
Graduação	13%
Pós-graduação <i>lato sensu</i>	0%
Mestrado	59%
Doutorado	19%
Pós-doutorado	9%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Um dado que chama a atenção é a presença de graduados (13%) e a ausência de pós-graduados *lato sensu* (0%), indicando a necessidade de investigarmos o desinteresse do profissional pela pesquisa. Muitas questões precisam ser pesquisadas com mais profundidade. Entre elas, qual é o lugar do documento histórico no desenvolvimento das pesquisas em história frente à crescente prática da pesquisa *on-line*.

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca do perfil do usuário, a faixa etária do consulente foi incluída no questionário da pesquisa de 2014. Neste levantamento, foi identificado que o historiador que utiliza a instituição é um pesquisador “jovem”, já que 60% estão enquadrados na faixa etária entre 26 e 35 anos.

Tabela 2: Faixa etária do historiador	
Até 25 anos	9%
Entre 26 e 35 anos	60%
Entre 36 e 45 anos	13%
Entre 46 e 55 anos	9%
Acima de 56 anos	9%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Segundo o IBGE (2015), são considerados jovens aqueles que possuem de 15 a 24 anos. Já o Estatuto da Juventude (lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013), em seu art. 1º, § 1º determina que “[...] são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos”. No entanto, mesmo que o grupo de historiadores não esteja dentro desta faixa etária, ainda assim podemos considerá-lo jovem, jovem intelectualmente, uma vez que o conceito de juventude também está conectado à etapa de processo de aprendizagem. Esses pesquisadores estão em seu momento de formação acadêmica, integrando o corpo discente dos programas de mestrado e doutorado (ver tabela 4), e, dessa forma, buscam construir e constituir a sua maturidade intelectual. Para a realização da pesquisa, consideramos a relação da juventude com a maturidade intelectual.

Acerca da nacionalidade, temos a presença maciça de brasileiros consultando presencialmente o acervo da Fundação, com 88% do total. Este fato é compreensível em razão da

instituição ser sediada no Brasil. A presença de pesquisadores da Bolívia e da Argentina é justificada pelo fato de serem países vizinhos; já o fato de termos alguns oriundos do Egito revelou-se inusitado. Por fim, cabe destacar que a Fundação apresenta um serviço de atendimento à distância, com a disponibilização de documentos digitalizados. Estes usuários não foram incluídos nesta pesquisa, já que fazem uso dos documentos de forma remota, sem a necessidade de interação com o profissional de referência.

Brasil	88,0%
Egito	3,0%
Bolívia	3,0%
Argentina	3,0%
Não informado	3,0%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Sobre o objetivo das pesquisas desenvolvidas pelos usuários, a tabela 4 indica que estes profissionais estão diretamente ligados à academia, com 94% dos historiadores utilizando os arquivos com tais fins. A produção editorial e a busca genealógica também foram citadas, mas com quantitativos baixos, somando apenas 6%. As outras categorias não foram citadas.

Pesquisa acadêmica	94,0%
Pesquisa para fins editoriais	3,0%
Pesquisa para produção cultural	0%
Pesquisa probatória	0%
Pesquisa genealógica	0%
Outras	3,0%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

A maioria dos historiadores (41%) indicou que a primeira fonte de informação utilizada no processo de pesquisa são os sítios institucionais. E, em seguida, identificamos a consulta às referências bibliográficas (28%). Nesse caso, é importante notar que a utilização de sítios institucionais pode ser diretamente ligada a dois fatores: em primeiro lugar, a necessidade de confiabilidade da informação, e, em segundo, o fato deste ser um usuário já “lapidado”, que reconhece o papel dos arquivos enquanto lugar de memória.

Tabela 5: Primeira fonte de informação utilizada antes de criar uma solicitação aos arquivos	
Referências bibliográficas	28,0%
Sítios institucionais	41,0%
Publicações	19,0%
Sítios de busca	9,0%
Outras	3,0%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Em relação à forma de busca da informação *on-line*, 78% dos historiadores que participaram da pesquisa preferem realizá-la por tema, dado compreendido pelo fato de serem pesquisadores que estudam determinados assuntos delimitados por recorte temporal e geográfico, o que justifica um total de 6% de buscas por data ou período. A espécie documental também foi citada, com 13%, o que pode ser compreendido pela atual presença de estudos epistolares na historiografia brasileira e mundial.

Tabela 6: Forma de busca da primeira fonte de informação on-line	
Por tema	78,0%
Por nome	0%
Por título	0%
Pela técnica	0%
Pela data ou período	6,0%
Pela espécie	13,0%
Outras	3,0%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários”, preenchido em 2014

Ao serem indagados sobre a funcionalidade de uma base de dados que julgam mais importante, a maioria dos historiadores (56%) identificou que a mais relevante é a disponibilização de documentos digitalizados. Chamamos a atenção para o fato de que, entre as possibilidades sugeridas ao historiador, a funcionalidade de “oferecer uma descrição dos arquivos superficiais, dando apenas uma ideia de conjunto”, não recebeu qualquer indicação de preferência.

Tabela 7: Funcionalidade considerada mais importante a ser disponibilizada nas bases de dados sobre os arquivos pelos historiadores	
Comunicabilidade	3%
Descrever os arquivos exaustivamente, inclusive os documentos em si	13%
Descrever os arquivos superficialmente, apenas dando a ideia do conjunto	0%

Oferecer várias possibilidades de busca, inclusive entre nomes e termos correlacionados	19%
Disponibilizar documentos digitalizados	56%
Possibilitar o <i>download</i> de documentos	9%
Outras	0%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Além disso, esse usuário considera o atendimento remoto como um serviço de alta relevância (97% dos historiadores) e que deve ser oferecido pelos arquivos, o que vem a corroborar as expectativas e demandas contemporâneas de uso e acesso aos acervos arquivísticos. Os usuários mudaram sob influência da tecnologia da informação e comunicação. Essa mudança já havia sido detectada na pesquisa de 2010, em que se pôde notar que o movimento de adesão à tecnologia, pelos usuários, já era uma realidade social que estava forçando uma transformação/adaptação dos prestadores de serviço em arquivo.

Esse cenário típico do ambiente tecnológico revolucionou a relação entre usuários e os serviços e instituições arquivísticas, e tudo indica que não há como reverter o quadro. Ou mesmo não há quem queira revertê-lo. A tecnologia faz parte de nosso cotidiano e os nossos usuários, em regra, navegam nesse ambiente com completa naturalidade. No entanto, essa familiaridade com essas ferramentas tecnológicas colabora para que o usuário crie novas expectativas em torno de suas pesquisas, em especial com relação ao tempo e aos processos de busca (Oliveira, 2013, p. 331-332).

Tabela 8: Historiadores que consideram importante a existência de serviços remotos em arquivos	
Sim	97%
Não	3%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014

Quando perguntados a respeito da forma de busca mais importante em bases de dados sobre arquivos, percebemos que os historiadores possuem duas preferências. A mais importante é a busca por tema, com 44% de indicações; em seguida, a busca por nome, com 41%. Pesquisas em base de dados usualmente são feitas de forma mais específica do que em sítios de busca, porque quando o historiador está buscando nesses bancos já existe uma maior precisão em relação a qual informação precisa encontrar.

Tema	44%
Nome	41%
Título	0%
Técnica	0%
Data ou período	3%
Espécie	6%
Outras	6%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014.

Quanto ao que o historiador considera como principal dificultador para a realização de sua pesquisa *on-line*, 56% responderam que seria a falta dos documentos digitalizados *on-line*. Em seguida, identificamos que 22% gostariam que as interfaces promovessem a autonomia do usuário no processo de pesquisa. Esse dado é relevante para futuras discussões, uma vez que a maioria dos *softwares* do mercado para disponibilização de informações descritivas dos acervos é estruturada para o cenário das bibliotecas. Na área, o Conselho Internacional de Arquivos desenvolveu, em parceria com um conjunto de instituições internacionais, um *software* livre voltado para a divulgação da descrição de acervos arquivísticos, o ICA ATOM (<<https://www.ica-atom.org/>>), e essa contribuição tem sido analisada por algumas instituições. Inúmeros fatores precisam ser verificados no processo de decisão em relação a qual tecnologia adotar, mas, certamente, as necessidades dos usuários devem ser parte do conjunto de elementos de análise.

Interface que não facilita a autonomia	22%
Falta de acervo disponível <i>on-line</i>	56%
Falta de informação detalhada sobre o acervo	10%
Imprecisão no processo de indexação e definição de descritores	6%
Lentidão na alimentação das bases de dados	6%
Outros	0%
Total	100%

Fonte: os autores, a partir da coleta de dados do formulário do “estudo de usuários” preenchido em 2014.

Chamamos a atenção para o fato de que a falta de informação detalhada, a imprecisão da indexação e a lentidão na atualização das bases de dados também estão presentes no conjunto das insatisfações do usuário. Esses pontos estão diretamente relacionados ao trabalho do arquivista e às funções arquivísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, a partir da análise quantitativa da pesquisa de usuário dos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, que os historiadores são, ainda, os principais usuários da instituição, que são jovens pesquisadores entre 26 e 35 anos de idade, e possuem títulos de mestres e doutores.

A pesquisa desses usuários ao acervo se destina majoritariamente a fins acadêmicos e o tipo de busca mais utilizado em sítios é por tema, e uma vez realizando a pesquisa direto nas bases arquivísticas, a categoria de informação “nome” aparece também com a mesma importância. Desde o estágio inicial da pesquisa, esses usuários identificam os sítios institucionais como fontes de informação confiáveis e reconhecem a importância da disponibilização de serviços de arquivo *on-line* e da disponibilização de cópias digitais de documentos para o usuário na internet.

Com o desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação, novas demandas foram criadas e, nesse novo contexto, os centros de informação foram atingidos de forma direta. Os pesquisadores da nova geração digital esperam serviços cada vez mais avançados e ágeis, o que, para a arquivística, implica a necessidade de uma contínua atualização das ferramentas de busca e de recuperação da informação, assim como de disponibilização dos acervos em versão digital e *on-line*, sendo a ausência deste, inclusive, apontada pelos historiadores como um dificultador no momento da pesquisa. Esse novo tempo, o tempo digital, impacta as funções arquivísticas que devem ser desenvolvidas antes da digitalização, por exemplo. Para criar as cópias digitais é preciso minimamente providenciar o arranjo, a organização e a identificação física de cada documento, além da descrição do acervo. Essas etapas exigem um longo tempo de pesquisa e de atividades operacionais.

Nesse sentido, cabe ressaltar que, diante das mudanças tecnológicas e sociais, o trabalho continuado e sistemático de estudo do usuário pelas instituições de arquivo permite a formação de subsídios para a construção de ferramentas mais eficientes de comunicabilidade com os consulentes. Estudos como este contribuem para uma maior autonomia do usuário remoto, e até mesmo para uma maior divulgação e conscientização da existência dos acervos. Além disso, o estudo oferece indicadores relevantes para a estruturação dos programas de arranjo, descritivos e de difusão de informações sobre os acervos arquivísticos. Conhecer o usuário, suas demandas e necessidades possibilita uma maior aproximação entre o arquivo e a sociedade.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - Sinajuve. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 15 jun. 2015.

DUFF, Wendy M.; HARRIS, Verne. Stories and names: archival description as narrating records and constructing meanings. *Archival Science*, [s.l.], v. 2, n. 3-4, p. 263-285, set. 2002. Springer Science + Business Media. DOI: 10.1007/bf02435625.

DUFF, Wendy; YAKEL, Elizabeth; TIBBO, Helen. Archival Reference Knowledge. *The American Archivist*, Chicago, v. 76, n. 1, p. 68-94, 27 maio 2013.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (ed.). *Rui Barbosa: cronologia da vida e da obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. 306 p.

IBGE. Departamento de População e Indicadores Sociais. *População jovem no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. 53 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6686.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

LEHANE, Richard. Access to online archival catalogues via web APIs. *Comma*, [s.l.], v. 2012, n. 2, p. 115-122, jan. 2012. Liverpool University Press. DOI: 10.3828/comma.2012.2.12.

MELLO, Maria Lúcia Horta Ludolf de; MENDONÇA, Lucia Maria Velloso de Oliveira Rebello de. *O arquivo histórico e institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. A descrição arquivística, o arquivista e a reinvenção dos arquivos. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de (org.). *Preservação, acesso, difusão: desafios para as instituições arquivísticas no século XXI*. 1. ed. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013, v. 1, p. 327-332.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *O usuário como agente no processo de transferência dos conteúdos informacionais arquivísticos* 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado), Curso de Ciência da Informação, UFF/Ibict, Niterói, 2006. Disponível em: <[http://www.uff.br/ppgci/Dissertacao Lucia Oliveira.pdf](http://www.uff.br/ppgci/Dissertacao%20Lucia%20Oliveira.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2015.

WHITELAW, Mitchell. Towards generous interfaces for archival collections. *Comma*, [s.l.], v. 2012, n. 2, p. 123-132, jan. 2012. Liverpool University Press. DOI: 10.3828/comma.2012.2.13.

YAKEL, Elizabeth et al. The economic impact of archives: surveys of users of government archives in Canada and the United States. *The American Archivist*, Chicago, v. 75, n. 2, p. 297-325, 15 nov. 2012.

YAKEL, Elizabeth. Thinking inside and outside the boxes: archival reference services at the turn of the century. *Archivaria*, The Journal of the Association of Canadian Archivists, Ottawa, n. 49, p. 140-160, Spring 2000. Disponível em: <<http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/viewFile/12742/13927>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

ZHANG, Jane; MAUNEY, Dayne. When archival description meets digital object metadata: a typological study of digital archival representation. *The American Archivist*, Chicago, v. 76, n. 1, p. 174-195, 27 maio 2013.

Recebido em 13/11/2015

Aprovado em 26/2/2016